

**A transposição do Rio São Francisco
no site Correio da Paraíba**

*The transposition of the São Francisco River
on the Correio da Paraíba website*

Anderson Luan Santana SIQUEIRA¹
Sandra Raquew dos Santos AZEVÊDO²

Resumo

O presente artigo analisa a agenda-setting incorporada pelo site do Jornal Correio da Paraíba na cobertura da Transposição e Integração do Rio São Francisco. O propósito do trabalho aqui apresentado é entender a construção das notícias a respeito dessa obra pensada na época do Brasil Império - executada somente no século XXI - enquanto fato jornalístico, analisando criticamente a produção e enquadramentos da questão através dos gêneros jornalísticos (predominantemente notícia e reportagem) conflitos, convivência com a seca, luta e acesso pelo direito à água no semiárido brasileiro. As notícias analisadas foram veiculadas entre março de 2017 e novembro de 2018, totalizando 20 matérias.

Palavras-Chave: Correio da Paraíba. Rio São Francisco. Semiárido. Transposição.

Abstract

This article analyzes the agenda-setting incorporated by the website of Jornal Correio da Paraíba in the coverage of the Transposition and Integration of the São Francisco River. The purpose of the work presented here is to understand the construction of news about this work thought at the time of Brasil Império - performed only in the 21st century - as a journalistic fact, critically analyzing the production and framing of the issue through journalistic genres (predominantly news and reporting)) conflicts, coexistence with drought, struggle and access for the right to water in the Brazilian semiarid. The analyzed news were published between March 2017 and November 2018, totaling 20 articles.

Keywords: Correio da Paraíba. San Francisco River. Semiarid. Transposition.

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Observatório do Jornalismo no Semiárido (Dejor - PPGC/ UFPB). E-mail: andersonluanss@gmail.com

² Professora doutora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPB). E-mail: criticadasmidias@gmail.com

Introdução

O Nordeste, formado por 9 estados da federação é historicamente exposto à fatalidade climática da ausência de chuvas e das grandes secas, fenômenos climáticos causados pela insuficiência de precipitação pluviométrica. Características sabidamente conhecidas e sempre veiculadas na imprensa brasileira. A paisagem de carros-pipa transportando água nesses lugares é corriqueira e parece muitas vezes distante de mudar no semiárido brasileiro.

A cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, é estipulada como capital do Semiárido, a partir da lei nº 13.568, de 21 de dezembro de 2017. Esta parte do Brasil é o recorte deste trabalho, levando em conta que a água é um bem imprescindível para a vida e qualquer processo produtivo, vinculada diretamente ao bem estar humano e desenvolvimento econômico e a sua escassez ainda é uma problemática não resolvida no Semiárido.

Desde o Brasil Império já se buscava soluções para sanar a problemática da região, como perfuração de poços, construção de açudes etc, era de conhecimento do Imperador Dom Pedro I tal cenário, o que o fez, em 1859, apoiar uma comissão científica de exploração para que houvesse uma pesquisa mais aprofundada acerca das peculiaridades e problemáticas do Nordeste.

Segundo Sarmiento (2018, p.40), “entre as intervenções de infraestrutura cabíveis, a Comissão apontou a transposição de águas do Rio São Francisco para a bacia do Jaguaribe, no Ceará”. A partir daí, foi sendo articulado o projeto da obra, que viria a se concretizar muito tempo depois, apenas durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, já em meados do século XXI.

No dia 10 de março de 2017 a cidade de Monteiro, no Cariri Ocidental da Paraíba, foi a primeira a receber as águas da transposição no Estado. O município, com 33 mil habitantes segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, figurava na lista das cidades em situação de emergência por causa da seca.

No site do Jornal Correio da Paraíba, na mesma data, a reportagem “A pacata cidade de Monteiro vira a terra das águas da transposição do Rio São Francisco” - primeira da série sobre a inauguração da obra - destacou que “o sentimento geral para os paraibanos que esperam por água é de brilho nos olhos” mas ao mesmo tempo

apresentou, através das falas dos entrevistados, aspectos negativos da transposição: “Quando começaram a falar da Transposição, a gente pensava que era um jardim de flor, mas veio o tempo e mostrou que não. Essa obra pode dar prazer pra muita gente, ou até para a gente daqui pra frente, mas até agora só deu prejuízo”, relato de uma agricultora da região.

Este é apenas um exemplo de que a obra, que visa sanar a falta de água de milhões de nordestinos, não é aceita por unanimidade e envolve questões complexas:

As resistências à ideia sempre existiram. Cresceram ou recrudesceram permeadas por legítimas preocupações com o passivo socioambiental acumulado na bacia, mas também – e mais pronunciadamente – em decorrência de distorções intencionalmente moldadas e propaladas para alimentar desconfianças, conferindo à palavra “transposição” conotação mórbida em relação ao rio. (SARMENTO, 2006, p.18)

A realidade dos beneficiados e prejudicados é apresentada ao longo de tal reportagem. Com base nisso, atesta-se a apresentação dos vários lados da situação, dos favoráveis aos contrários à Transposição. No caso da referida matéria há um enquadramento neutro e o gênero é reportagem. Nesta reportagem há a presença de fotografias, conforme é possível ver na Imagem 1. Justamente uma das questões averiguadas e listadas nas fichas de pesquisa quanto à presença de ilustrações (fotos, gráficos, infográficos).

Figura 1: Seu Pedro Damião e Dona Maria Alves Morais, agricultores.³



Fonte: Site Correio da Paraíba/ <https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/a-pacata-cidade-de-monteiro-vira-a-terra-das-aguas-do-sao-francisco>

Em seguida, há a predominância de dados financeiros acerca dos Estados de Pernambuco e Paraíba. Na pesquisa, dois fatores eram levados em conta: se a predominância era de dados socio-ambientais ou financeiros. As fontes utilizadas também foram consideradas, e no caso da referida reportagem, são agricultores, entrevistados pela repórter Renata Fabricio. Com base nas visões divergentes, é possível inferir que há um conflito de terra na região, ao mesmo tempo, apresenta moradores de Monteiro que lutam pelo acesso e direito à água, questões que norteiam nosso levantamento.

As 20 matérias analisadas neste trabalho apresentam personagens, situações, relatos e enquadramentos diversos, mas os gêneros jornalísticos com maior predominância são de notícias e reportagens. A pesquisa ‘A Cobertura na Imprensa sobre a Transposição do Rio São Francisco: um estudo da agenda setting’ analisou se os enquadramentos de título e conteúdo eram afirmativos (positivos), estereotipados (negativos) ou neutros.

O conteúdo é analisado a partir das fontes consultadas, entre órgãos oficiais, governos, entidades, associações, comunidade local etc. Bem como, se discute a convivência com a seca, a Transposição enquanto obra de desenvolvimento sustentável e se ressalta a presença ou não de conflitos diversos, como também, da luta pelo direito à água.

A realidade do Semiárido e a transposição do Rio São Francisco

Segundo Sarmiento (2005, p.12), “nos primeiros anos após o desembarque luso constatou-se a seca como fator ambiental característico do Nordeste.” Em meados do século 16 a temática “seca” já era conhecida entre os moradores de distintas partes do Brasil:

O primeiro registro sobre o fenômeno data de 1552. À época, os jesuítas relataram secas com drástica redução de chuvas desde áreas interioranas adentradas até áreas litorâneas, informação que enfraquece o argumento de que anos secos no fim do século XX relacionam-se à mudanças climáticas globais, dado sua abrangência extrapolar o espaço de maior frequência do fenômeno. (SARMENTO, 2005, p.12)

Junto ao sol escaldante, a falta de água é uma realidade para muitos nordestinos, prioritariamente para aqueles que vivem no interior, especialmente nas áreas rurais, de acordo com Gomes (1998, p.62):

A maioria da população rural -especialmente trabalhadores rurais sem-terra, moradores, meeiros, assalariados, pequenos proprietários, rendeiros, enfim, camponeses - constitui, sem sombra de dúvida, o que se convencionou chamar de “vítima das secas”.

De acordo com a Lei nº 7.827, de 27 de setembro de 1989, e a Lei Complementar nº 125, de 3 de janeiro de 2007 e delimitado pelo Ministério da Integração Nacional, o Semiárido é formado por 10 Estados (tabela 1).

Tabela 1 - Estados que fazem parte do Semiárido

<input type="checkbox"/> Alagoas	<input type="checkbox"/> Paraíba
<input type="checkbox"/> Bahia	<input type="checkbox"/> Pernambuco
<input type="checkbox"/> Ceará	<input type="checkbox"/> Piauí
<input type="checkbox"/> Minas Gerais	<input type="checkbox"/> Rio Grande do Norte
<input type="checkbox"/> Maranhão	<input type="checkbox"/> Sergipe

Fonte: Ministério da Integração Nacional

A área do semiárido equivale à 982 563,3 quilômetros quadrados (11% do total do território brasileiro):

Os critérios para delimitação do Semiárido foram a precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; o índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50 e; o percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano. (IBGE, 2019)

O clima seco e a estiagem remetem à desertificação. Levando-se em conta que a dificuldade do cultivo agrário se dá justamente pela falta de chuvas, isso gera dificuldades de sobrevivência daqueles que dependem da agricultura e pecuária. A relação entre seca e fome foi trazida pelo pernambucano Josué de Castro, em 1984, através da obra Geografia da Fome. O pesquisador mapeou e dissertou a respeito dos

males causados pelo fenômeno das secas no nordeste brasileiro, suas implicações na vida humana, no bem-estar animal e no desenvolvimento social:

Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos. (CASTRO,1984, p.167).

Essa realidade histórica é peculiar e dá ênfase à problemática da convivência dos nordestinos com a seca local, especialmente os sertanejos, que precisam enfrentar o difícil clima da região e a intemperividade cotidiana para sobreviver. Conforme relata Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*, “o sertanejo é antes de tudo um forte”, realmente é fato que ele suporta todas as agruras e sofrimentos humanos devido à falta de água. Esse cenário dá base à desigualdade econômica e social que persiste na região em relação às áreas litorâneas, que possuem maior incidência de chuvas.

Gomes (1998, p.57) define que há um fenômeno, conhecido de todos, extremamente importante para se conhecer o sertanejo, o qual matiza sua vida, a seca:

Obviamente que sua significação não se restringe ao período seco, mas, muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica, religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período, de estio, a sua significação é inquestionável.; se é período de chuvas, onde se vive o “inverno” e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer”. (GOMES, 1998, p.57)

Para Sarmiento (2018, p.30) a nação brasileira tem uma dívida histórica com o Nordeste: “por permitir que a bem-conhecida carência regional de água e o uso político moralmente inqualificável dessa característica natural deixasse suas digitais nas realidades socioeconômica e ambiental”.

O pesquisador elucidava, tanto pelas suas pesquisas quanto pelo seu trabalho à frente de grandes obras hídricas, a necessidade de sanar a problemática local, tendo em vista que há muito tempo existem meios de amenizar as mazelas causadas pela seca. Rocha (1940, p.4) destacou no início do século 20 o prazo elevado para se pensar no aproveitamento do Rio São Francisco: “a natureza pródiga nos facultou elementos de vida e de progresso que até agora não soubemos aproveitar.”

A transposição do Rio São Francisco, assim, pode ser considerada a saída mais eficaz para sanar a escassez de água no Semiárido do Brasil. Mas tal ideia teve início muito tempo atrás, quando em meados do século 19 uma seca devastadora impulsionou os primeiros passos do projeto com base nos dois anos de estiagem que o Nordeste enfrentou, entre 1844 e 1845, que incentivaram o intendente da comarca do Crato, no Ceará, Marcos Antônio de Macedo, a propor uma obra para trazer água do São Francisco para o seu estado.

No livro *O Rio de São Francisco*, Rocha (1940, p.8) apresenta a grandiosidade e benesses que obras no entorno do Rio poderiam trazer: “Já é tempo de surgir no Brasil um novo Sesóstris, que transforme o São Francisco em um manancial de utilidades para o Universo de lado as cogitações de Quéops, absorvido em perpetuar o seu nome através das idades.” Bem como, o autor enaltece e projeta um futuro promissor:

Tu serás, oh! formoso rio de São Francisco, verdadeiramente o *coelo gratissimus animis*. Tu terás enfim conhecido e apreciado o Triptólemo que deva aí ensinar a lavrar e embelezar a terra, criar comércio, desterrar a ferocidade e fazer a vida deleitosa e feliz. (ROCHA, 1940, p.2)

A transposição se origina na necessidade comum de transpor os contornos mais elevados que dividem as regiões doadora e receptora das águas. A Integração e Transposição do Rio São Francisco é um empreendimento do governo federal, sob responsabilidade do Ministério da Integração Nacional – MIN, conforme está descrito no projeto. A obra prevê a construção de mais de 700 quilômetros de canais de concreto em dois grandes eixos (norte e leste) ao longo do território de quatro Estados (Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte) para o desvio das águas do rio.

De acordo com Sarmiento (2006, p.17) é no contexto do previsível desabastecimento dos centros urbanos que a integração do Rio São Francisco com o Nordeste setentrional se insere e se justifica de maneira incontestável:

Sem transcender sua função instrumental como ação de infraestrutura, a integração, na atual concepção, constitui-se eixo estruturante para o desenvolvimento socioeconômico, na medida em que possibilita água não só para atender a demandas humanas nos centros urbanos, mas também demandas associadas a setores usuários de substancial influência nas condições socioeconômicas da região receptora, como agricultura. Isso sem comprometer em nada o suprimento hídrico da bacia do São Francisco, visto que o acionamento do sistema de integração para transferência de água com fins econômicos dar-se-á somente nos anos em que ocorrer cheia no

São Francisco e seca no semi-árido setentrional. (SARMENTO, 2006, p.17)

Até o início do século XXI, existiam 162 transposições de águas construídas em todos os continentes. Tais obras são adotadas em todo o planeta para sanar a desertificação de regiões secas e transformam a realidade das comunidades beneficiadas.

Cobertura da Transposição do Rio São Francisco no site Correio da Paraíba

O Correio da Paraíba é um jornal matutino de circulação diária em toda a Paraíba. Ele faz parte do Sistema Correio de Comunicação e foi fundado em 5 de agosto de 1953; cobre assuntos de política, economia, esportes, cidades, cultura e edições especiais. O seu site, disponível no endereço eletrônico <https://correiodaparaiba.com.br/>, reproduz o conteúdo produzido pelo impresso mas possui conteúdo inédito para os internautas.

No caso das 20 matérias analisadas, veiculadas entre março de 2017 e novembro de 2018, foram analisadas também as seções onde estavam dispostas as matérias (Cidades, Geral, Política etc) e as conotações das mensagens, no que se refere à agenda sobre desenvolvimento sustentável de recursos hídricos, o imaginário sobre o Rio São Francisco. No caso dos conflitos, se eram de água, terra, gestão, financiamento, político/partidário/ideológico, energético ou ambiental.

Na presente pesquisa, considerou-se o enquadramento do conteúdo das matérias quanto à uma visão de combate à seca ou de convivência como Semiárido. No tocante ao uso de fotografias, as 20 matérias analisadas possuíam essa categoria de ilustração e apenas duas delas continham vídeos. O dado chama atenção devido ao conteúdo ser reproduzido numa plataforma multimídia e tais recursos não serem muito explorados, o que permitiria a utilização de visuais diversos e dinâmicos, que chamam mais atenção do internauta e é inviável para o suporte impresso, por exemplo.

A predominância de dados foi: cinco matérias abordaram mais informações financeiras, enquanto as outras 15 trataram mais de dados socioambientais. A ausência de infográficos, que poderiam facilitar o entendimento quanto aos números, é uma questão delicada, de toda forma, os dados estavam dispostos ao longo do texto.

Quanto aos gêneros jornalísticos: 10 notícias, nove reportagens e 1 editorial. A escolha pela utilização de reportagens para um maior aprofundamento da situação e apresentação do cenário ao público foi positiva por ser um meio de deixar de ser apenas uma notícia e se transformar em algo maior, contemplando personagens, situações e o cenário como um todo.

Em relação às seções, 11 matérias estavam em Cidades, três em Política e seis em Geral, não havia uma seção especial da transposição, o que poderia facilitar o acompanhamento contínuo dos internautas na temática. Devido ao caráter regional do site o conteúdo produzido tratou do Estado da Paraíba nas 20 matérias analisadas, sendo que nove dessas também abordaram Pernambuco, duas Rio Grande do Norte e mais duas o Ceará.

No que diz respeito ao enquadramento a partir dos títulos, cinco deles eram estereotipados, nove afirmativos e seis negativos, em crítica a situações adversas como paralisações da obra. Movimentos sociais, coletivos e associações não constam em nenhuma das produções analisadas, fato que chama atenção visto que a transposição envolve diversos setores da sociedade.

Ao mesmo tempo, a equidade de gênero também não se fez presente, visto que apenas seis das personagens entrevistadas eram mulheres, entre agricultoras e representante do Ministério Público. A pesquisa analisou se o conteúdo sobre Transposição do Rio São Francisco apresentava mulheres como fontes de informação sobre esse processo e se evidenciava a ação das mulheres na luta pelo acesso e direito à água.

Duas décadas atrás Alfredo Macedo Gomes entrevistou sertanejos que moravam em áreas rurais para dar origem à obra *Imaginário Social da Seca* e, dentre as pessoas que aceitaram participar da pesquisa, apenas 12% eram mulheres. O pesquisador elucidou à época:

Ao chegarmos na casa das pessoas nos deparamos com a negativa por parte das mulheres em serem entrevistadas, recorrendo a decisão de mandar chamar o “homem da casa”. Apesar de nossas considerações, não fomos convincentes o suficiente para que elas se deixassem entrevistar. Disso decorre a presença ainda marcante do “chefe de família” masculino e de características patriarcais na condução da vida familiar. (GOMES, 1998, p.15)

Vale salientar que não se sabe ao certo o motivo da ausência feminina como fontes nas matérias analisadas. Quanto à questão de conflitos, conforme exemplificado no início deste artigo, o quadro a seguir apresenta as categorias identificadas:

Quadro 1 - Categorias de conflitos identificados nas matérias

Financiamento - 1
Político - 1
Terra - 1
Água - 2
Ambiental - 2
Gestão - 3

Fonte: Os autores

Desvios das águas, trechos da transposição danificados, agricultores prejudicados por terem vendido suas terras para as viabilizar as obras, impasse para decisão de administração das águas e cobranças por parte do Ministério Público quanto à bancada paraibana na Câmara Federal para manutenção da obra, foram alguns dos fatores que motivaram os conflitos identificados.

Finalmente, houve um enquadramento de conteúdo positivo das matérias, sendo sete delas nessas categorias, outras 10 neutras e apenas três negativas, essas últimas criticavam paralisações, atrasos e má administração em trechos das obras da transposição. O fato, vale destacar, é imprescindível para que a função jornalística de cobrança e atuação em prol de um bem comum não se omita.

Considerações finais

Apesar de considerar que as matérias veiculadas no site do Jornal Correio da Paraíba sejam multimídia, segundo Salaverria (2014,p.28) que destaca que todos os

conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem (foto e texto, por exemplo) associados entre si são, por natureza, multimídia; é preciso chamar atenção para a possibilidade de outros recursos que poderiam ter feito parte do conteúdo, como infográficos, vídeos, slideshows etc.

Em se tratando dos gêneros predominantes nas matérias analisadas, notícia e reportagem, pode-se afirmar que a reportagem foi utilizada como um instrumento comunicacional para descrever esse acontecimento de interesse social do grande público de maneira mais complexa quanto à importância do fato, conforme objetivo dos jornalistas que cobriram a transposição para o site do Jornal Correio da Paraíba:

Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.9).

No que se refere ao recorte de produção local, o conteúdo não se deteve em abranger mais os estados contemplados com as obras da transposição, fato que se deve aos critérios de noticiabilidade proximidade, atualidade, identificação social utilizados, situação comum no jornalismo e ao mesmo tempo benéfica para o público local, que assim se viu mais representado.

Por fim, destaca-se que o acompanhamento feito pela equipe de jornalismo do conteúdo analisado pode apresentar ao público desde a inauguração do trecho em Monteiro, passando pelos percalços das paralisações, danificações e reparos da obra, benefícios para a população e informou quanto ao trabalho da Agência Nacional das Águas, Agência Executiva de Gestão das Águas, Ministério da Integração Nacional, prefeituras, políticos e outros órgãos públicos em prol da solução deste problema histórico na região.

Por fim, é preciso destacar a continuidade das obras da transposição, as próximas etapas nos estados vizinhos, um acompanhamento necessário e permanente da imprensa, de pesquisadores e da população beneficiada, tendo em vista a execução de uma obra que visa solucionar a problemática histórica do semiárido no tocante à escassez de água.

Referências

AZEVÊDO, S. R. S.; VIEIRA, M. A. **Transposição do Rio São Francisco na Folha de São Paulo**. In: Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã, 13., 2018, São Luís.

BANDEIRA, Wênia. **Chuvas e transposição fizeram Boqueirão atingir 1/5 de sua capacidade de estocagem**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 17 abr. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/chuvas-e-transposicao-fizeram-boqueirao-atingir-1-5-de-sua-capacidade-de-estocagem/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

BANDEIRA, Wênia. **Boqueirão está há 3 meses sem águas da transposição**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/boqueirao-esta-ha-3-meses-sem-aguas-da-transposicao/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

BANDEIRA, Wênia. **Eixo-norte da transposição completa seis anos de atraso**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 14 set. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/eixo-norte-da-transposicao-completa-seis-anos-de-atraso/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro (pão ou aço)**. Disponível em: <<http://obha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2016/12/geografia-da-fome-josue-decastro.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CORREIO DA PARAÍBA. **Wikipédia**, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Para%C3%ADba>. Acesso em: 03 fev. 2019

CORREIO DA PARAÍBA. **Aesa acompanha abertura de comporta e monitora águas do Rio São Francisco na Paraíba**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/aesa-acompanha-abertura-de-comporta-e-monitora-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

CORREIO DA PARAÍBA. **Transposição inacabada ameaça chegada das águas do São Francisco ao Boqueirão**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 31 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/transposicao-inacabada-ameaca-chegada-das-aguas-ao-boqueirao/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

CORREIO DA PARAÍBA. **Canal da transposição do São Francisco rompe**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 11 jun. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/canal-da-transposicao-do-sao-francisco-rompe-em-pernambuco/>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CORREIO DA PARAÍBA. **Água desviada do São Francisco na PB é mais da metade da usada por 20 cidades**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 07 ago. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/agua-desviada-do-sao>>

francisco-na-pb-e-mais-da-metade-da-usada-por-20-cidades/>. Acesso em: 06 out. 2018.

CORREIO DA PARAÍBA. MPF realiza reunião com deputados e senadores para tratar da transposição. Correio da Paraíba, João Pessoa, 15 jan. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/geral/mpf-realiza-reuniao-com-deputados-e-senadores-para-tratar-da-transposicao/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

CUNHA, Euclides. **Os sertões.** Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/Os%20Sert%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

FABRÍCIO, Renata; GEMINIANO, Ainoã. **MPF recomenda ao Ibama a não conceder licença para o eixo leste da transposição.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 12 dez. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/mpf-recomenda-o-ibama-a-nao-conceder-licenca-para-o-eixo-leste-da-transposicao/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

FABRÍCIO, Renata. **A pacata cidade de Monteiro vira a terra das águas da transposição do Rio São Francisco.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/a-pacata-cidade-de-monteiro-vira-a-terra-das-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

FABRÍCIO, Renata. **A espera da tão sonhada água do Rio São Francisco agora é realidade.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/a-espera-da-ao-sonhada-agua-do-rio-sao-francisco-agora-e-realidade/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

FABRÍCIO, Renata. **Moradores de Amparo sonham com a chegada das águas da transposição do Rio São Francisco.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/geral/moradores-de-amparo-sonham-com-a-chegada-das-aguas-do-rio-sao-francisco/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FABRÍCIO, Renata. **Esperança:** águas da transposição do Rio São Francisco estão a 3 km do açude Eptácio Pessoa. Correio da Paraíba, João Pessoa, 18 abr. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/aguas-da-transposicao-estao-a-3-km-de-boqueirao/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

FÓRUM MUNDIAL da água. **Conselho Mundial da Água**, Brasília, 2018. <http://8.worldwaterforum.org/pt-br>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

GEMINIANO, Ainoã. **Boqueirão em obras para as águas do São Francisco.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 07 abr. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/boqueirao-em-obras-para-as-aguas-do-sao-francisco/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário Social da Seca**, suas implicações para a mudança social. Recife: Editora Massangana, 1998.

KITO, Alexandre. **MPF cobra atuação da bancada paraibana para transposição.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 20 jan. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/mpf-cobra-atuacao-da-bancada-paraibana-para-transposicao/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LEI Nº 7.827, DE 27 DE SETEMBRO DE 1989. Brasília, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7827.htm>. Acesso em 15 abr. 2019

LEI Nº 13.568, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13568.htm>. Acesso em 15 abr. 2019

MEIRELES, Lucilene. **Ana e Aesa definem regras para uso de águas da transposição.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/ana-e-aesa-definem-regras-para-uso-de-aguas-da-transposicao/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MONTE, Rammon. **Com águas do São Francisco, Cagepa aumenta vazão em CG.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 09 maio 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/com-aguas-do-sao-francisco-cagepa-aumenta-vazao-em-cg>>. Acesso em: 05 set. 2018.

ROCHA, Geraldo. **O Rio de São Francisco:** fator precípua da existência do Brasil. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/218/o-rio-de-sao-francisco-fator-precipuo-da-existencia-do-brasil>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTOS, Adelson Barbosa. **Roberto Cavalcanti defendeu a transposição do Rio São Francisco.** Correio da Paraíba, João Pessoa, 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/politica/transposicao-politica/roberto-cavalcanti-defendeu-a-transposicao-do-rio-sao-francisco/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SALAVERRÍA, Ramon. **Multimedialidade:** informar para cinco sentidos. In Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, 196p.

SARMENTO, Francisco Jácome. **A Integração do São Francisco:** verdade e mito. In: Revista USP, n.70, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13528/15346/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

SARMENTO, Francisco Jácome. **Transposição do Rio São Francisco,** os bastidores da maior obra hídrica da América Latina. São Paulo: Chiado Books, 2018.

SARMENTO, Francisco Jácome. **Transposição do Rio São Francisco,** realidade e obra a construir. Brasília: Gráfica Edicel, 2005.

SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Wikipédia,** Brasil, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Semi%C3%A1rido_brasileiro>. Acesso em: 19 fev. 2019.

SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **IBGE**, Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 15 abr 2019.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TORRES NETO, Antônio Pinheiro. **Os valores-notícia**: a seca do Nordeste no jornalismo nacional e regional. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17326>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

VARELA NETO, Francisco. **Energia solar ou eólica para sustentar a transposição do Rio São Francisco**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 18 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/transposicao/energia-sola-ou-eolica-para-sustentar-a-transposicao/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

VARELA NETO, Francisco. **Águas do Rio São Francisco devem chegar ao açude de Boqueirão até o dia 25 de abril**. Correio da Paraíba, João Pessoa, 30 mar. 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/agua/aguas-do-velho-chico-devem-chegar-ao-boqueirao-ate-o-dia-25-de-abril/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.